

O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

OFID. MET. IV.

DOMINGO 25 DE JULHO DE 1830.

A BELLEZA.

(Continuação do N.º 15. Pag. 173.)

No meio d'este espaço illuminado,
 Como marcha a Belleza magestosa !
 Ella doura as estrellas com riqueza,
 P'ra mostrar a magnificencia sua :
 Quaes pequenos grãos mil sões espalha,
 Do firmamento na campina vasta.
 Mil symphonias, que minha alma encantão,
 Aos luminosos globos, que se avanção.
 Quaes formosos exercitos, dirigem
 Os passos em cadencia... Retirado
 No meio d'este florecente bosque,
 Minha lyra nas mãos tomo sagrada ;
 Dos astros o concerto imitar busco,
 Em quanto é consumido em seus altares ;
 Em alta noute por secreta chamma,
 O qualhes off'reço humilde sacrificio.

Entretanto, Belleza incomprehensivel;
 Uma pergunta só poderei fazer-te?
 D'onde vem tantos males, qu'assim enchem
 Os corações dos ómens? Tu não podes
 Uma só cousa produzir não boa.
 A nós o mal, o bem te coube em sorte.
 Será teu odio tal, qu'obstac'los ponhas
 A' nossa perfeição, nossa ventura?
 Nosso organismo interno embora goze
 De perfeita harmonia em suas partes:
 De nossos órgãos o externo involuero
 Embora goze: embora as faculdades
 D'alma todas: indocil a vontade,
 O coração indocil sós abração
 As trevas, e da luz fugir procurão.
 Mas debalde aviltar pertende o ómem
 Um coração, que deo-lhe o Ser Supremo!
 Nunca n'elle tu perdes teus direitos,
 Belleza eterna; a seu pezar te busca,
 A seu pezar confessa os teus louvores.
 Apenas vê nas faces d'uma Nympha
 Brilhar o fogo teu, captivo fica:
 Por tua causa se tornou escravo,
 Por tua causa applaude um ferreo jugo,
 Quando despreza a perfeição interna
 Com mais ardor então busca a externa,
 E bem tarde mil vezes vê seu erro.
 Das trevas d'illusão sempre cobertos,
 Os loucos não te vêem; mas tu em tanto
 A vida, e luz espalhas sobre os entes,
 P'ra á reflexão de novo conduzillos.
 A arte, a Natureza a unir-se fôrças,

E unidas assim reproduzirem-se.
 Tu qual mestra do genio te apresentas
 Onde quer qu'a ordem reina , em toda a parte.
 Em mil diversas formas tu sacias
 O esp'rito , porque mais ninguem póde
 O esp'rito nutrir , reanimallo :
 A amavel eloquencia dos discursos ;
 As feições delicadas d'uma face ;
 Um gosto no vestir , que sempre agrada ;
 O amavel encanto da thesoura ;
 As obras , qu'um pincel cria formosas ;
 A grandeza magnifica dos templos ;
 Dos prados o riquissimo tapête ;
 E tudo qu'os sentidos fere e encanta
 Nos agrada , porque são fracos raios ,
 Que da Belleza Universal sahindo ,
 P'ra mostrar o seu imperio bastão.
 Um prazer delicioso quem não sente ,
 Vendo o pastor feliz , que conduzido
 Pela linda estação da linda Venus ,
 Com seus cantos e danças as collinas ,
 As planicies d'Arcadia alegres torna !
 Quando porém de vis paixões se livra
 O coração : quando em uma alma espalha
 Os aureos fructos sabedoria :
 Com que'encanto brilhar então eu vejo —
 As lindas graças d'um formoso corpo !
 Um peito vicioso , que faz parte
 D'um bem feito corpo ; uma voz rouca
 Ternas meigas canções aos ares dando ,
 São pardas negras nuvens , qu'escurecem
 O **T**rihante esplendor do Deos do dia.

Se brilhão juventude, e formosura
 N'um corpo unidas, qual pintão Diana,
 Não póde tal encanto ter limites.
 Com que força não obra em nossas almas
 D'Orphêo a lyra, quando sonora
 E' tangida, ou que Lino a sua tange t

Quaes as sombras, qu'a luz fogem de medo,
 Desapparece o resplendor dos lyrios,
 Se a virtude albergamos em nossa alma.
 Então mais não deseja, mais não busca
 Que nossa gloria verdadeira e pura.
 Quem póde nos mortaes maior respeito
 Qu'essas acções causar, que da bondade
 Nascidas, que nascidas da virtude,
 N'ellas não teve a menor parte o orgulho?
 A Universal Belleza quem despreza,
 E se applaude por tella desprezado?
 Mas, é da cega opinião effeito,
 Que d'envolta c'o sordido interesse
 Em toda a vida humana impera e manda.

Das riquezas, mortaes, pezados fardos
 Muito embora louvai: qu'importar póde
 O frivolo ruido d'essas honras,
 Qu' o pejo vos custarão? E que fructos,
 Que prazeres tirár d'ellas podemos?
 O' que difficil é, e que se entrega
 D'ambição á corrente impetuosa
 Não soffrer continuados mil pezares!
 O' que difficil é, qu'o nosso merito
 Possa um dia levar-nos a fortuna.

Mas, quanto mais difficil, a virtude
 No meio conservar da prosperidade,
 Conservar alegria no infortunio!
 Se pois o' que procura infimo bello
 A tantos p'rigos se conserva exposto,
 Convem por uma vez renunciallo.
 Olha, meu caro Phedon; vê da Grecia
 Pela desgraça os filhos aterrados,
 Mas aterrados mais pelas riquezas.
 Aquelle, a quem virtude ornou o genio,
 Que faz com qu'elle exceda os outros ômens,
 Tornar-se não se póde inda mais bello;
 E todos com razão lhe tem inveja.
 A virtude é thesouro, qu'as coroas
 Não só iguala, mas excede em muito.

Belleza eterna; espalha do meu Phedon
 No seio os teus mais amplos beneficios.
 A porção elles fornão, que me atrevo,
 A reclamar de ti por minhas supplicas.
 D'esse globo inflammado a luz não mana,
 Qu'os mortaes alumia: de ti nasce,
 De ti só, e não d'outrem a virtude.
 Como os rios p'ra o mar abrem caminho,
 Tambem ella te busca; e é com ella
 Que tambem eu a ti voltar pertendo. (*)

POESIAS ALEMÃS: *Traducção de um digno Mem-
 bro do Curso Juridico.*

(*) A versão Franceza, da qual foi tirada esta traducção, é em prosa; e não nos póde valer o original em verso por muitas razões, sendo uma d'ellas que o original é escrito em Alemão, e que nós não entendemos:



**A AVERSAO DECIDIDA AO DESPOTISMO, E O ARDENTE
AMOR DA LIBERDADE, PERFEITAMENTE SE CONFOR-
MAO COM A ORDEM E TRANQUILIDADE PUBLICA.**

Os que de posse de um poder exorbitante, anhelão pela sua extensão, e estremecem com receio de perdê-lo, tem sempre artificio bastante para com muita emphase clamar contra os males da licença; é este o nome ignominioso, com que pertendem manchar a Liberdade. Elles pintão com feiçssimas côres os horrores da anarchia, e da confusão; e logo desaforadamente affirmão que taes são sempre as necessarias consequencias de *se confiar* poder ao povo. Na verdade, custa-lhes muito a dar-se ao

nem uma só palavra do Alemão. Aquelles, para quem não fôr bastante esta razão, venhão a nossa caza, que cá lhe diremos outras, com que se convenção. Não será pois de admirar que a traducção fique fria, e prosaica. Se igualmente alguém quizer saber o motivo porque, sem sabermos Alemão, nos mettêmos a Traductor de Poesias Alemãs, pelo não percisarmos a vir cá, recommendamos-lhes que leião o Préfacio da traducção do Oberon por Filinto Elysio; e alli verão, *mutatis mutandis*, o que nos acontece. Daremos tambem outra satisfação; e é a respeito dos versos exdruxolos: sobre os agudos já fizemos a competente nota. Dos exdruxolos pois diremos, que muito bons Poetas fizêrão uso d'elles; sirva de exemplo Camões; e se disserem que é velho, leião Filinto; qualquer das duas authoridades é de tirar o chapéo. Que mais dirão? Digão o que quizerem, porque não estamos para dar mais satisfações.

DO TRADUCTOR

encommodo de formar idéa de um Povo ; tanto que quando fallão do povo em geral , dão-lhe o nome de *cana-lha* , *plebe* , ou *multidão*. Elles não achão na lingua os appellativos proprios para manifestar o desprezo , que consagrão áquelles , que não figurão por thesouros ou titulos , e vêm-se obrigados a contentar-se com os termos *reptis* , *gentalha* , *escoria* , e outros que taes.

O ómem , este animal nobre , capaz de praticar as virtudes mais sublimes , dotado de razão , e susceptivel dos mais bellos sentimentos , é considerado por seu semelhante , revestido de alguma authoridade por muito limitada que seja , n'uma ordem inferior ás bestas do campo ; pois que as bestas do campo , bem longe de ser mimoseadas com epithetos injuriosos , são tratados com certa estimação. O orgulhoso fidalgo dirige affectuosas vistas a seus cavallo e cães , dá-lhes bem de comer , recolhe-os em habitações não só commodas , como esplendidas : e ao mesmo tempo despreza seus semelhantes , que vivem apenas abrigados da inclemencia das estações na vesinha choupana , mal nutridos , e miseravelmente vestidos. E se estes seus semelhantes se atrevem a queixar-se , elle reputa suas queixas como injurias e sedição , e seus esforços por melhorar sua condição a favor dos mais legitimos meios como decidida traição e rebeldia.

Existe de um lado infame oppressão , existe do outro vil , baixa sùjeição. Se uma obediencia cega , e desarrazcada , a par da mais iniqua e odiosa desigualdade ; se uma triste miseria , destituída do direito de queixar-se , constituem a paz , a ordem , e a tranquillidade do despotismo ; então a paz , a ordem , e a tranquillidade mudão de natureza , e tornão-se em maldição e peste para o

Genero Humano. Antes, então, antes mil vezes as dissensões, as contendias, e as revoluções, que se attribuem ao estado de liberdade; ao menos são symptomas estes de vida e de uma vigorosa saude, e o descanço do despotismo não é mais do que a fraqueza de uma paralyza. Uma vida activa, embora seja semeada de tumultos, desastres, e contratempos, por certo que é preferivel ao silencio da morte, e da desolação.

Mas, eu nego que o amor da liberdade seja a causa necessaria de desordens fataes e não provocadas. Eu supponho o espirito do povo em geral propriamente desenvolvido; supponho a brutalidade, annexa á ignorancia crassa, já mitigada pela cultura; pela cultura, que os Estados bem governados estão sempre promptos a ministrar a todos aquelles, que são pela Natureza dotados de raciocinio.

No estado de liberdade, todo o ómem aprende a avaliar-se como ómem; a attribuir-se a devida importancia no systema, que elle mesmo aprovou, e contribuiu para estabelecer; e assim toma a firme resolução de conduzir-se de uma maneira conforme com a segurança e conservação d'esse systema. Elle considera-se proprietario, e não inquilino: ama o Estado, porque tem n'elle uma parte. A sua obediencia não é o fio, desagradavel resultado do terror; mas sim o vivo, alegre, espontaneo effeito do amor. A violação das leis, baseados no puro e suave principio da beneficencia geral, e ás quaes por meio de uma representação justa e perfeita elle dá pleno assento, é a seus olhos um crime enorme; horroroso. Elle ajuizará livremente da Constituição, e com a mesma liberdade manifestará o juizo, que d'ella fizer.

Um só momento não se descuidará de forcejar por aperfeiçoalla; e com gravidade tomará parte em todos os debates politicos.

Qual poderá ser a occupação mais digna do ómem, na activa scena, em que elle representa desde o berço até ao tumulo, do que a discussão sobre politica? A politica offerece um vasto campo á energia intellectual, e aos mais sublimes sentimentos de benevolencia; exercita e fortalece todas as faculdades; e põe patente occultas virtudes, que, a não ser ella, jazêrão no seio do ómem, á maneira do diamante na mina. E dever-se-há limitar esta occupação, tão util e honrosa, a um pequeno numero de escolhidos d'entre a grande familia dos mortaes? Deve, por ventura haver um monopolio de medidas e considerações politicas? Acaso foi sem um fim conhecido, que o Ceo concedeo a razão e o dom da palavra, a actividade, e um espirito emprehendedor aos ómens das classes inferiores, no mesmo grau de perfeição, que aos que sem merito algum proprio herdão thesouros e altas dignidades? Não: os actos do Ceo claramente manifestão a sua vontade. O ómem vae de encontro a esta vontade; o tempo porém, e os quotidianos progressos do entendimento, reduzirão alfin a anomalia á sua rectidão natural.

Torno a repetir: deve a instrucção abraçar todas as classes do povo, para elle gosar uma liberdade perfeita, sem risco dos males, que segundo nunca cessão de asseverar seus inimigos, são d'ella inevitaveis consequencias. A instrucção dos membros do Estado não se deve limitar ás artes, que tem por objecto a acquisição, augmento, e conservação do dinheiro; devem igualmente aprender

uma philosophia liberal, para poderem assim formar uma idéa exacta da liberdade. Devem desde a infancia, costumar-se a encarar a vida humana, e a sociedade, no seu verdadeiro ponto de vista, a considerar-se como partes essenciaes de um todo, cuja conservação é preciosa e necessaria a cada um dos membros, que o compõem. Aperfeiçoar-se-há o seu gosto na razão directa dos progressos do seu entendimento; e á medida que melhor fôrem conhecendo a belleza da ordem, de dia em dia se convencerão mais da sua utilidade. Ora, depois dos membros do Estado adquirirem por este modo um fundo de principios, firmemente baseados na virtude e no saber, quando por qualquer incidente, mesmo por algum excesso de virtude, cheguem a sahir da estrada de suas obrigações, com ardor voltarão a uma bem entendida obediencia, e a todos os deveres de cidadãos; e se assim apreciação, em seu justo valor, a paz e a prosperidade publica, é porque vêem claramente que a felicidade publica anda intimamente ligada com a sua propria. Elles podem infringir as leis, por effeito da imperfeição da sua natureza; porém, como estão convencidos de que só se fazem aquellas leis puramente necessarias á sua felicidade no seio da sociedade civil, não hade ser preciso recorrer á força para tornallos a chamar á obediencia. Elles não oasi eravão as leis como cadeas e grilhões, instrumentos da tyrannia, mas sim como capacetes e escudos, feitos para protegêllos. Em fim, a luz do entendimento corrigirá os vicios do coração; e todos os erros, todos os extravios da virtude, por mais rapidos que sejam a principio, serão de pouca monta quanto á extensão, e passageiros na duração.

Fôra este o excellente resultado de se ensinar ao

povo os principios da politica, e uma philosophia pura; Mas, qual é o proceder dos despotas a este respeito? Seguindo perfeitamente o exemplo do filho de Philippe, que reprehendêra a Aristoteles por ter publicado suas Descobertas, elles dizem em segredo a seus odiosos validos e vís adulaadores: “Espalhemos as trevas por todo o paiz. (*) Conservemos os povos n’um estado de brutalidade. Que a sua conducta, quando estiverem juntos, seja sediciosa e dissoluta tanto, quanto poderem assim tornalla a ignorancia e os *nosso*s ESPIÕES, a fim de cahirem em descredito, e serem julgados incapazes de administrar seus próprios negocios. Façamos com que o poder se torne ameaçador e perigoso em suas mãos, para que sem cuidados e sustos o possamos reter para sempre; e sobre tudo, que elles não provem o fructo da arvore da sabedoria, para que nunca venhão a ser como nós, e nunca aprendão a conhecer o bem e o mal.,”

Que taes são os sentimentos dos que desejão a extensão do despotismo, e a oppressão do povo, evidentemente se conclue da má vontade, com que olhão para os generosos esforços, que se fazem por instruir os pobres. Não é possível deixar de inferir de seus sustos, que a medida que as luzes vão illustrando o entendimento humano, tem elles de vêr a razão desapprovar os systemas por elles estabelecidos. Respirão estes ómens o espirito do despotismo, e até desejão communicallo. Mas é que o seu proceder, n’este caso, é um forte argumento contra o espirito, que elles forcejão por espalhar. A sua

(*) *Skotison, skotison, escurece a tua doutrina*, disse o despota Alexandre ao celebre Philosopho.

conducta parece dizer: E' tão desarraozado o espirito do despotismo, que nunca poderá grangear a approvação da massa do povo, em quanto este dér á sua razão a precisa cultura. A sua conducta parece dizer: Haja luz, que a deformidade do despotismo provocará a aversão geral.

Não se deve attender ás consequencias, quando se trata de proporcionar as luzes da sabedoria a todos quantos são dotados de razão; lembremo-nos sempre que foi Deos Todo Poderoso o primeiro que disse: HAJA LUZ.

DR. VICESIMUS KNOX: *O Espirito de Despotismo.*



MAXIMAS E PENSAMENTOS.

Os vicios entram na composição das virtudes, assim como entra o veneno na composição dos remedios. Ajunta-os, e tempera-os a prudencia, e utilmente os emprega contra os males da vida.

Mr. De La Rochefoucauld.

Dos males necessarios á sociedade, o mais insupportavel de todos é a desconfiança.

M.me De Graffigny.

~~~~~  
N. B. No N.º 15. Pag. 170. ver. 14., em vez de — golpe — lêa-se — vulgo — e Pag. 172. ver. 9., em vez de — raios — rios. —

---

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.